

Centro de Estudos Baianos

JAIME DE SÁ MENEZES

ORAÇÃO DA SAUDADE
(ELOGIO DE PEDRO CALMON)

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

120

JAIMÉ DE SÁ MENEZES

**ORAÇÃO DA SAUDADE
(ELOGIO DE PEDRO CALMON)**

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

Universidade Federal da Bahia
Centro de Estudos Baianos
1985

Professor Germano Tabacof
Reitor da Universidade Federal da Bahia

Professora Eliane Elisa de Souza e Azevedo
Vice-Reitora da UFBA.

Professor Fernando da Rocha Peres
Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA

1985 10 anos
do Centro de
Estudos Baianos

Menezes, Jayme de Sã

Oração da saudade : elogio de Pedro Calmon / Jayme de Sã Menezes. — Salvador : Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1985.

24p. ; 22cm. — (Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publicação ;)

Nome completo do biografado: Pedro Calmon Moniz de Bittencourt (1907-1985).

1. Calmon, Pedro. 2. Discursos brasileiros. I. Título. II. Serie.

CDU - 92 Calmon, Pedro
869.0(81)-5

(Preparado pelo Centro de Estudos Baianos da UFBA)

ORAÇÃO DA SAUDADE (*)

Elogio de Pedro Calmon

Jayme de Sã Menezes

Sob intensa comoção, tais e tantos os laços que nos prendiam ao nosso homenageado, cobramos ânimo para o cumprimento deste dever acadêmico que nos foi impôsto, em hora tão penosa, pelo presidente Cláudio Veiga.

Todavia, razões sobraram a Cícero quando disse: "Lágrimas não pode nem lamentações a morte, quando seguida da imortalidade".

Feridos de saudade, consola-nos a certeza de que as brumas do esquecimento não atingirão a memória de Pedro Calmon, que — *aere perennius* — permanecerá pela grandeza de seu espírito e na preexcelência de sua obra.

Segundo Joubert — "o melhor é morrer jovem... o mais tarde possível". Foi o que fez o varão ínsig

(*) Pronunciada em sessão especial da Academia de Letras da Bahia, a 18-07-85, quando da inauguração, na sua sede, da "Sala Pedro Calmon", em póstuma homenagem a esse grande brasileiro. A Universidade Federal da Bahia, através do Centro de Estudos Baianos, publica o presente texto, associando-se às homenagens prestadas ao Professor Pedro Calmon.

ne cuja memória nos reúne, ainda aturdidos com o trespasse. Soube ele manter, durante toda a vida, o vigor físico, a cintilância do talento, a chama votiva da esperança, o fogo ardente dos ideais.

Dele dissemos, faz pouco mais de dois anos, quando completou os 80 de sua idade e a Bahia lhe tributou as homenagens da sua admiração:

"Há homens predestinados. Como se desde o berço lhes caíssem as bênçãos dos céus, no amanhecer da vida já portam as auríferas sementes do seu destino, que, mais cedo ou mais tarde, hão de produzir o ouro dos mais legítimos triunfos. Tomados do impulso propulsor do talento, lançam-se na torrente da vida com ímpeto irrefreável, e, tal como os rios caudalosos, que por fim deságuam no mar, em cuja foz se misturam as águas no espetáculo grandioso das pororocas, cada vez mais robustecem o ânimo na fervente ebulição dos sonhos nutridos pelo ideal. Dia por dia, provados nos embates das vagas da existência, retemperam o espírito para as pugnas da vida, audazes e persistentes, confiantes e inquebrantáveis, tendo por norte o dever, por honra o caráter, por ambição a vitória. Armam-se, então, dos instrumentos que se usam nas oficinas da inteligência, para com eles abrirem as avenidas por onde transitam os carros motorizados pelo saber. Não se quedam, esmorecidos, ante os tropeços e imprevistos, senão a eles sobrepõem a força indestrutível da vontade. Dando-se conta de seus próprios méritos, do arsenal de qualidades que lhes demoram no íntimo, de peito aberto e alma forte de liberam travar com a vida a batalha do triunfo.

Dessa estirpe é Pedro Calmon, que, na sua luminosa vida, não conheceu o desânimo, senão a for

leza de um espírito indômito que madrugou no estudo e perseverou na luta. E se fez, ainda adolescente, um espadachim da cultura, um arauto das ideias, um sacerdote da sublime religião do trabalho".

E assim prosseguiu ele, vida fora. Vida esplendorosa, exemplar a muitos ângulos, onde numerosas se juntaram as raras qualidades que lhe compuseram a personalidade incomparável.

Descendente de Francisco Calmon du Pin e Almeida, seu tetravô ascendente de Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquês de Abrantes, as raízes paternas de Pedro Calmon Moniz de Bittencourt remontam à província de Cahors, em França, donde partiu para Portugal Bertrand Calmon, o primeiro deste apelido, cujo filho, já lusitano, João Calmon, chegou à Bahia em 1655, e seria este, que tanto nos ajudou nas lutas contra os holandeses, o genearca dos Calmons na Bahia. O seu ramo materno, pelo casamento de seu pai, Pedro Calmon Freire de Bittencourt com Maria Romana Moniz de Aragão Calmon de Bittencourt, sua prima, se prende a Egas Moniz, preceptor do fundador da monarquia portuguesa, imortalizado por Camões n'os Lusíadas, sendo ela, Dona Maria Romana, de peregrinas virtudes, Dama do Paço, de íntimo convívio com as princesas imperiais, em Petrópolis filha do Barão de Moniz de Aragão, Egas Moniz Barreto de Aragão e Menezes, Moço Fidalgo do Paço, diplomata, que serviu em diversas legações do Brasil na Europa.

Do feliz casal Pedro Calmon - Maria Romana, num lar harmonioso e abençoado pela inteligência, Pedro Calmon Moniz de Bittencourt foi o segundo filho varão entre os irmãos que se criaram: Nicolau

Calmon Moniz de Bittencourt, preclaro magistrado, desembargador, ex-presidente do Tribunal de Justiça da Bahia, e Jorge Calmon Moniz de Bittencourt, um dos nossos, inexcelsível ex-presidente desta academia, jornalista emérito, diretor-redator-chefe de *A Tarde*, ex-deputado, secretário da Justiça, presidente da Associação Bahiana de Imprensa, professor universitário, escritor sóbrio e elegante, amigo admirável, confrade querido.

As filhas do casal, Maria Dulce, Maria Romana e Maria Tereza, ao mesmo tempo Marias e Martas, de alto relevo e préstimo na sociedade, portam as mesmas virtudes que tanto enobreceram a figura materna.

Casado, a 9 de setembro de 1926, com D. Hermínia Gavazzoni Caillet, companheira solícita, de virtudes grandes e méritos excelentes, filha de Maurício Caillet e Nerina Gavazzoni, Pedro Calmon Moniz de Bittencourt deixou dois filhos: Maurício Caillet Calmon de Bittencourt e Pedro Calmon Moniz de Bittencourt Filho, ilustres advogados no Rio de Janeiro.

Nascido no limiar desta centúria, em 1902, a 23 de dezembro, na cidade de Amargosa, na Bahia, Pedro Calmon, desde o curso secundário, feito nesta capital, revelara excepcional inteligência e decidido pendor para a História, a ponto de os seus professores o convidarem para compor bancas examinadoras da matéria. No 3º ano do curso jurídico, na Faculdade de Direito da Bahia, seu padrinho, Miguel Calmon, então ministro da Agricultura, tomado de entusiasmo pela precocidade do seu talento, o conduz, em 1922, para o Rio de Janeiro, a secretariar a Comissão do Centenário da Independência,

tornando-se, também, secretário particular do parente, no Ministério. Concluído no Rio, com o brilho que aqui manifestara, o curso jurídico, dá início a uma carreira que só aos eleitos se reserva.

Poderosa inteligência, assíduo nas leituras, varando as noites no estudo, ainda adolescente torna-se íntimo dos clássicos, armazena sólida cultura, já nunciatória dos êxitos invulgares que viria a alcançar. Espírito disciplinado, tocado da fé cristã, desdobra-se no trabalho, confia no futuro, e irrompe impetuoso a abrir os caminhos que o levam à altura em que o acaba de colher a morte.

No alvorecer dos anos, estava nos 18 da sua idade e ainda na Bahia, publica a sua primeira obra, *Pedras d'Armas*, livro de contos já primorosamente escrito, com que estréia na literatura nacional.

Aos 23 anos volta à Bahia, para exercer a deputação estadual, nos governos de Góes Calmon e Vital Soares. Já então preocupado com o destino do nosso casario e dos nossos monumentos, elabora projeto de lei que assegurasse a preservação do patrimônio histórico da Bahia, quando nem sequer se falava na criação do órgão federal hoje incumbido da matéria. Deputado Federal, empresta à tribuna parlamentar o mesmo brilho que imprimiu à Assembléia Legislativa, a sua palavra sempre a se altear, bela na forma, profunda nas idéias, estas revestidas do mais alto civismo. Portou-se no Parlamento, já o dissemos, "sem o jacobinismo dos facciosos, antes, sempre, com a pureza de um girondino".

Ministro da Educação, serviu à República com a visão superior do estadista, atento aos interes

ses nacionais, preocupado com o destino da mocidade brasileira.

Jurista, professor catedrático de Direito Público e Teoria Geral do Estado, as suas aulas tinham o fascínio do expositor, a clareza do didata, a erudição do douto, a beleza do artista, cujas lições provocavam os aplausos incontidos dos discípulos. Mestre por excelência e vocação, antes de tudo mestre, porque sabia tudo e como ninguém sabia transmitir, mestre de todos nós, mestre na cátedra e fora da cátedra, ídolo da mocidade, na área do Direito, em que foi luminar, deixou obras hoje clássicas: Reforma Constitucional da Bahia, A Federação e o Brasil, Intervenção Federal, Curso de Direito Constitucional Brasileiro, Direito de Propriedade, Curso de Teoria Geral do Estado e O Direito nos Lusíadas.

Professor, também, da Pontifícia Universidade Católica e da Faculdade de Filosofia das Ursulinas do Rio de Janeiro, deu-se ao nome, já nome nacional e expoente do magistério superior, de tornar-se, por memorável concurso, professor titular do Colégio Pedro II, de notável tradição desde o Império.

Diretor, por um decênio, da Faculdade Nacional de Direito, reitor, durante 18 anos consecutivos, da primeira universidade brasileira, a Universidade do Brasil, conduziu o seu reitorado a uma altura que o tornou um marco na história universitária brasileira, com repercussão internacional. Do casarão em ruínas da Praia Vermelha fez o Palácio da Reitoria, numa obra em que se casaram devotamento, sensibilidade, senso estético, restituindo ao velho prédio a dignidade perdida, imprimindo aos atos universitários a nobreza capaz de revesti-los

de imponência conveniente ao estímulo e exemplo da mocidade.

A sua obra foi de tal porte, de tamanha repercussão internacional, que lhe não tardou - *urbí et orbi* — o reconhecimento merecido. Tornou-se professor honoris-causa das Universidades de Coimbra, Nova Iorque, Buenos Aires, México, Quito e Santiago do Chile.

A Real Academia Espanhola, a Academia das Ciências de Lisboa, a Academia Portuguesa da História, e várias outras instituições estrangeiras, o tiveram entre os seus membros mais preeminentes.

Escritor dos maiores e mais primorosos em língua portuguesa, estilista, exímio manejador do vernáculo, na sua primeira mocidade, aos 33 anos, já a Academia Brasileira de Letras o acolhia em seu seio, sucedendo a Félix Pacheco na poltrona fundada por Araripe Júnior e patrocinada por Gregório de Matos, seu conterrâneo, cuja biografia, à mão de mestre, há pouco deu a lume. Recebido por Gustavo Barroso, disse-lhe o grande historiador cearense: "Doce e florentino. Todavia, há na vossa existência um traço que me apraz assinalar agora e que é o penhor de que também sabeis quanto é bela, nobre e revigorada a luta. Parente próximo pelo sangue e mais próximo ainda pelo espírito e pelo coração dum nobre homem público, então no poder, parente de outros, então prestigiados e fortes, bem moço chegastes ao Rio de Janeiro e não vos metestes entre os biombos dourados dum gabinete de ministério, nem procurastes uma sinecura, nem intrigastes por um cartório rendoso. Mas preferistes, modestamente, fazer um simples concurso para 3º oficial do Museu Histórico, entrando para uma repartição de

ordenados parcos, de verbas humildes, de promoção difícilima pelo seu quadro restrito, mas acorde com o vosso sentimento, as vossas inclinações e os vossos estudos. É bem raro nos dias que correm os que, assim como vós, preferem os ditames do Espírito às solicitações poderosas da Matéria". E mais adiante: "... chegastes numa longa bandeira de penetração através da nossa história, da qual regressais fazendo inveja em bandeirantes mais antigos e menos felizes, com as mãos cheias de pepitas de ouro, de diamantes e de esmeraldas que sabeis lapidar e expor na magnífica virtude de vossa obra notável".

É de Pedro Calmon, no seu magistral discurso de posse na "Casa de Machado de Assis", este antológico fragmento de sua exaltação à Bahia: "... o ar que se respira, sobre a branda paisagem que emoldura o casario histórico, suspende o sopro das eras mortas, ressoa dos antigos rumores, transporta o eco dos tempos findos... A saudade das epopéias forra, com o mugre das muralhas, a paz das fortalezas esquecidas. Cintilam na cimalha das torres as cerâmicas de Portugal e as tradições do país. Vozeiam no clamor das ruas os ruídos de um povo bom e o vago estridor das gerações passadas. Cruza sobre a massa dos templos enormes o fantasma das eras insignes. Latejam as reminiscências dos dias grandes. Fala a memória das opulentas épocas, estremezem, palpitam as influências da nobreza avoenga, estalam com o vento suave que arrepia o leque dos coqueiros as graves sonoridades de sua História... É a cidade primogênita, Roma nossa, com cem cruzeiros de largos braços abertos na poeira d'ouro dos seus crepúsculos. Belém da nacionalidade!"

Presidente da Academia Brasileira de Letras, nesta qualidade, chefia a delegação do Brasil encarregada de assinar, em Lisboa, o acordo ortográfico binacional da língua portuguesa.

Presidente, por 17 anos, até o dia em que para sempre fechou os olhos, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ergueu-lhe, a duras penas, a nova e majestosa sede, obra que o recomenda à gratidão nacional. Já então no outono da vida, a trepidar de entusiasmo e idealismo, como a demonstrar que a mocidade o não havia ainda abandonado, entregou-se a essa obra grandiosa com a fé de um crente, o vigor de um apóstolo, a consciência iluminada pelo civismo; e assim, com a sensibilidade de um artista e os conhecimentos do historiador, deu à Casa da Memória Nacional, como ao Instituto chamou D. Pedro II, a grandeza condizente com a sua importância, no cuidado e primor admiráveis de suas instalações nobres.

Membro e presidente do Conselho Federal de Cultura, a sua palavra naquele colegiado foi sempre a da sabedoria, participando dos debates com a abundância de seu saber, a lucidez de suas idéias, o brilho da sua inteligência, nunca esquecido de velar pelo patrimônio cultural do País.

Jornalista, tivemos ocasião de escrever, "deve-lhe a imprensa páginas refulgentes, que a sua pena de ouro derramou nas colunas das gazetas e dos periódicos. Editorialista e colaborador, por largos anos, dos jornais, inclusive de *A Tarde*, fundado por seu inolvidável amigo Simões Filho e em que hoje pontifica outro Calmon, seu irmão, os seus artigos e comentários traziam o selo inconfun-

dível do autor, a marca do seu estilo, a força do seu argumento, a claridade das suas idéias, a doutrina, a exaltação ou a crítica, em sínteses admiráveis que valiam como retratos pintados a boa-mão, no preciso colorido das tintas carregadas e nos sombreados contrastantes com que psicologava homens, descrevia situações, apontava erros e acesnava com o caminho direito que leva à justa defesa dos bons princípios, cívicos ou morais".

Conferencista, ninguém o excedia no apuro da exposição, no vigor das idéias, no desdobrar do pensamento, a palavra a fluir incessante, horas que fossem, presos os ouvintes à fulguração da sua palavra.

Mestre da oratória, de prodigiosa memória, foi o maior orador do Brasil dos nossos tempos. Imaginoso e castiço, empolgante e majestoso, inflamado e cintilante, nele a veemência assumia um poder incontrastável, na força dominadora com que prendia a assistência, atingindo o pensamento, no rasgo do seu verbo, a altura e luminosidade que só alcançam os grandes oradores. Gênio da palavra, do porte de Cícero, do calibre de Vieira, da estatura de Rui Barbosa, tanto fulgia na tribuna acadêmica como na tribuna política. Nesta ou naquela, as fulgurações ruidosas do verbo, no arrebatamento caloroso da enunciação, a lhe fluir aos borbotões, pura e castiça, modulada e clara, eram como se uma luz estranha e potente às súbitas invadissem os auditórios, iluminando-os de saber, de graça e de beleza. E os ouvintes, extasiados, a prorromperem nos aplausos veementes e prolongados. Assim se portou ele sempre, dono da tribuna, na qual fazia o que queria. E a sua oratória atingiria a culminância

em Chapultepec, no México, como embaixador do Brasil à Conferência Interamericana, ao responder ao chanceler Ezequiel Padilha, quando produziu um dos seus mais notáveis improvisos, que provocou demorados aplausos da assistência, de pé, delirantemente a ovacioná-lo.

Com igual grandeza se houve, no Rio de Janeiro, no Congresso Eucarístico Nacional e por ocasião da transladação das cinzas de Rui Barbosa para a cripta do Forum que lhe é o Panteão da imortalidade, erguido na Bahia pelo governador Otávio Mangabeira, o grande estadista que foi, no juízo do próprio Calmon, "a voz coloquial mais intensa deste país, de eloquência nítida e altivez indomável".

Na sua oração como candidato ao governo da Bahia, Pedro Calmon, no auditório da Secretaria de Saúde, no Corredor da Vitória, nesta capital, parecia que se havia apossado de um deus interior que lhe alteava o pensamento, lhe robustecia a eloquência, que assumiu proporção majestosa, no fulgor arrebatado da palavra, entrecortada pelos aplausos mais calorosos.

A verdadeira eloquência tem altos e baixos; como os rios, ora corre plácida e serena, ora em cachões ruidosos, como em Pedro Calmon, cuja aptidão para a tribuna jamais lhe permitiu a filiação à oratória parcial e comprometida de Esquines e Demades, sempre se prendeu à oratória olímpica, independente e cintilante de Péricles e Demónstenes.

Em Lisboa, Coimbra ou Madri, em Paris ou Londres, sua palavra retumbou na sonoridade e eloquência do seu verbo. Embaixador especial à posse dos

presidentes da Venezuela e de Costa Rica, como ainda na Nicarágua, no centenário do poeta Ruben Dario, a sua palavra, fúlgida e poderosa, galvanizou os ouvintes, na genial transmissão de suas mensagens.

A repercussão internacional da sua oratória e da sua obra traduziu-se, inclusive, no número de condecorações estrangeiras que lhe foram conferidas, assim pela Argentina, Colômbia, Paraguai, México, Nicarágua, Peru, como pela China Nacionalista, Irã, Espanha, Portugal, Alemanha, Suécia, Grécia e França, que o distinguiu com a Legião de Honra.

Biógrafo, e biógrafo de soberanos, os seus perfilados ressurgem para a vida na inteireza do porte, na justiça das observações, nos traços característicos, nas minúcias necessárias, tudo relacionado com a época, as circunstâncias e os ambientes em que viveram e atuaram, ressaltadas e interpretadas a participação e a contribuição cada um. E aí estão O Rei do Brasil, O Rei Cavaleiro, O Rei Filósofo, A Princesa Isabel, O Marquês de Abrantes, O Barão de Loreto, Anchieta, - o Santo do Brasil, Gomes Carneiro - o General da República, A Vida Espantosa de Gregório de Matos, Castro Alves - o homem e a Obra, este o terceiro dos livros que dedicou ao gênio adolescente que se queimou nas labaredas do próprio talento, dando o biógrafo insigne a divergência de objetivos entre Camões e o nosso vate: "A diferença consiste em que o cavaleiro luso encarna a pátria histórica, enquanto Castro Alves anuncia a pátria futura, desferrada da escravidão, iluminada pela civilização, que liberta".

Mais uma de suas percucientes e notáveis biografias: Miguel Calmon — Uma Grande Vida. Escreveu-a, digamos, com certo acanhamento, com louvável recato, mas com inteira justiça. E sobre ela tivemos ocasião de dizer nas colunas da imprensa: "Não é uma simples biografia. É sério e documental estudo de um vulto impressionante de estadista. Escrito à mão de mestre, o livro admirável faz o inventário completo da vida desse grande baiano, es-tuda-lhe a personalidade invulgar, aprecia e descreve os acontecimentos mais importantes em que se viu envolvido o biografado. É livro magistral. Um documentário. Um depoimento insuspeito e valoroso. Uma cartilha de civismo, dignidade e talento, exemplar para os que exercitam a vida pública".

Na larga correspondência que mantivemos, durante quase quatro decênios, com Pedro Calmon, pudemos sentir, nas suas primorosas cartas, a beleza do estilista e o primor de seu coração. Cinco dentre elas se reportam à fase em que estava a escrever a biografia de Miguel Calmon, realmente uma grande vida. Sempre reconhecido ao padrinho illustre, foi fiel à sua própria definição do reconhecimento: "A gratidão parece-me a qualidade canina do homem". E disse-nos numa outra de suas cartas: "Prestemos, querido amigo, você, em nome de seu pai — Artur de Sã Menezes — de quem me lembro com as homenagens devidas ao seu renome e à sua integridade — eu, em nome da minha gratidão, as honras merecidas, ao meu padrinho inesquecível, que, como você observou, extraí ao silêncio que o amortalhava para trazê-lo à vida, nestes duros tempos em que não há paciência nem memória para tratar dos mortos, embora sejam os fundadores da grandeza

nacional". Numa outra ainda, fazia esta revelação, que tanto enobrece o grande ministro de Afonso Pena e Artur Bernardes: "...realmente um homem extraordinário por seus talentos, seus serviços, sua honradez e suas virtudes pessoais, tão digno que, casado milionário, mas com separação de bens, ao morrer tinha no Banco em sua conta tão pouco que dele não houve inventário, sim arrecadação, isto é, viveu no fausto, acabou paupérrimo, para deixar a herança fabulosa do exemplo, no recorte admirável do modelo". (Cartas datadas do Rio, em 26-6-79, 12-7-80 e 17-7-83).

Já luzeiro da cultura, nas grimpas da fama e dos triunfos, Pedro Calmon conservou sempre — *ab imo corde* — intacta a gratidão pelo parente amigo e dadivoso. Era a sua grandeza moral.

Historiador, o maior que já tivemos, do peso de um Carlyle ou de um Guizot, de um Toynbee ou de um Macaulay, este cuja memória celebramos — Pedro Calmon — soube fazer História sem desprezar "o contingente da psicologia" nem "a qualidade sociológica do mito", reconhecendo neste "o seu valor supletivo — como fundo residual da História". Razão portanto havia em Gunther quando sentenciou: "Tudo o que é contado pressupõe um sucesso".

"Ressente-se a historiografia brasileira — di-lo Calmon — do excesso de natureza: é espessamente bucólica. Até bem perto de nós, mergulhada na exuberância estonteante do meio físico, se preocupou mais com a terra do que com o homem". E disso não se forraram nem Frei Vicente nem Rocha Pita, nem Gandavo e nem mesmo Varnhagen, este já de descrição documentada. Capistrano, Taunay, João Ribeiro

e tantos mais dariam a sua contribuição à historiografia nacional.

Examinando os manuscritos, penetrando os arquivos, sobretudo do Brasil e de Portugal, a Torre do Tombo, o Arquivo Ultramarino e tantas outras fontes estrangeiras, Pedro Calmon fez a sua monumental História do Brasil, em 7 volumes, como se desenvolvesse um esquema didático, onde o leitor, na clareza do seu estilo e através da comprovação documental, encontra a verdade histórica, conseguida depois de exaustivas e pacientes pesquisas, de raciocínios inteligentes, de lúcidas interpretações. E assim pôde Calmon, mestre incomparável, produzir esta sua grande obra, fazendo, ele próprio o confessa, "não a História que serve a determinada corrente de opinião, a certa política ou a um estado particular de exaltação coletiva: mas composta e serena como um documento antigo, que trouxe da distância e do silêncio a sua autoridade tranquila".

Heródoto e Tucídides, gregos ambos, mestres antigos da História, divergiram no modo de escrevê-la. O primeiro, ainda sob o ciclo da epopéia, e que tanto se ocupou do antagonismo entre o espírito helênico e o oriental, entremeava de mitos e lendas as suas narrações, não raro fantasiosas. O segundo, seu discípulo, sem prejuízo da prosa ática, à fantasia preferiu o relato seguro e objetivo. Foi um precursor da informação documental. E assim escreveu a História da Guerra do Peloponeso. Um tendeu mais para a arte, o outro, para a técnica de reconstituir o passado.

Pedro Calmon realizou o milagre de unificá-los. Fazendo História como um lapidário do estilo, um

artista da prosa, jamais permitiu — nos textos lapidares que escreveu e onde a assombrosa cultura transparece — que a sua palavra luminosa ofusca-se a verdade conseguida através da pesquisa, fornecida pelo documento, atento, sempre, em distinguir neste a letra e o espírito. Perseguiu a verdade. Soube revelá-la para os contemporâneos e os posteriores.

Deixou ainda o nosso grande historiador, cuja augusta recordação fazemos, além de cerca de 100 livros publicados, quatro obras inéditas, duas das quais já no prelo. Sejam também lembradas, dentre as que deu a lume nos domínios da historiografia: História da Bahia, História da Independência do Brasil, História da Civilização Brasileira, História Social do Brasil, História da Casa da Torre, História Diplomática do Brasil, História da Igreja no Brasil, História da Literatura Baiana, História das Idéias Políticas, História das Bandeiras Baianas, História da Fundação da Bahia, O Segredo das Minas de Prata, O Tesouro de Belchior, O Crime de Antônio Vieira, Malês (este romance histórico), obras, todas estas, fundamentais para o estudo e compreensão da cultura e da civilização brasileiras, e poderia o seu autor, lembrando-se de Camões, sem vaidade, mas, conscientemente, dizer:

"... razão há, que queria eterna glória,
Quem fez obras tão dignas de memória."

Mas a sua atividade intelectual era incessante e multímoda. Ocupava-se, inclusive, ultimamente, no preparo de suas memórias, que deixou escritas até o ano de 1970. Que elas sejam agora publicadas, mesmo incompletas, tal o valor que devem encerrar as suas páginas, como testemunho de um ho-

mem que, por sua vida excepcional e laboriosa, rica de acontecimentos e participação, tanto tinha a nos contar, e por certo o fez com o critério que lhe era próprio e por sua pena privilegiada, e que, destarte, hão de nos trazer lições magistrais, informações inéditas, depoimentos da maior valia — retrato de uma época.

E esse homem invulgar, de espírito fascinante e coração magnânimo, de tão onímoda cultura, de saber tão vasto, era, por isso mesmo, um conversador inigualável, de brilho faiscante e raro, sendo de humor, que soube pôr em prática aquela sentença de Gilberto Amado: "Quem não faz leve o seu trabalho, não faz obra de peso". Daí manter o seu espírito, no turbilhão de intensa atividade, sempre ágil e pronto para o repente, o tracadilho amável, a graça epigramática. A queda do Gabinete Tancredo Neves, no regime parlamentar, impediu o ministro Oliveira Brito de comparecer à Inglaterra, em missão oficial. No banquete oferecido pelo ministro da Educação daquele País, Pedro Calmon, que lá estava, ao agradecer, em nome do Brasil, não perde a oportunidade: "Sabeis a razão da ausência do nosso Ministro? É que os ingleses cometeram a imprudência de ensinar parlamentarismo aos brasileiros". Certa vez, ao entrar num restaurante, acompanhado de amigos, em período de racionamento, cumprimentados dois prelados que ali almoçavam, dizendo-lhes: "Vejo que Vossas Eminências não resistiram à tentação da carne". Senhora rabugenta, nervosa e falante, invade-lhe certa ocasião o gabinete, na Reitoria, e logo se apresenta: "Sr. Reitor, eu sou de Pernambuco". Diz-lhe o Calmon, de imediato: "Não fique triste, minha senhora, nem todos podem ser da Ba-

hia". Ironizando certos examinadores em teses de concurso mal-elaboradas, comenta: "Hã examinadores que, não querendo atacar o brasileiro, atacam o Português". Disse-lhe certa vez um professor: "Teⁿho trabalhado tanto, que você nem imagina" Respon^de: "Mas de maneira tão suave que ninguém perce^be". Noutro momento, ao presidir a uma sessão, no^tou que alguns jovens, no fundo da sala, imitavam vozes de animais. Soando o t^ímpano, diz: "Hã um cer^to barulho a perturbar a boa ordem, mas não quero proibi-lo, pois respeito, no mais alto grau, a Li^berdade de vocação". Numa crise na Faculdade de Di^reito, um militar tenta invadi-la e Calmon o adver^te: "Aqui s^õ se entra pelo exame vestibular". Dou^tra feita, na Faculdade de Medicina, exaltados es^tudantes ameaçam de morte a alguns colegas. Cheg^ando inesperadamente, Calmon suplica: "Não façam is^sso, vocês ainda não se diplomaram".

Dotado dessa verve espontânea e espantosa, Pe^dro Calmon era realmente um espírito encantador. E no seu lar doméstico, ao lado da primorosa D. Her^mínia, era de ver e admirar a fidalguia do casal. E quantas vezes, n^õs, os seus amigos da Bahia, fo^rmos no seu solar da Santa Clara recebidos, em re^quintados almoços e jantares, com o acolhimento que s^õ sabem propiciar as pessoas verdadeira e fiⁿamente educadas. E como todos n^õs nos deleitáv^amos, ao final daqueles encontros inesquecíveis, com a palavra viva e fúlgida do anfitrião, a nos dizer das raridades de sua biblioteca, das curio^sidades de velhos papéis, de anosos documentos.

Tinha ele, dentre as suas tão excelsas qua^lidades, a de amar enternecidamente a Bahia, e desse seu amor foi beneficiária esta academia, que

sempre aqui o teve, no deslumbramento de sua pala^vra estelar, assim nos cursos sobre Castro Al^ves, como nas conferências rutilosas que pronun^ciou, já otogenário, sobre Gregório de Matos e o ex-governador Francisco Marques de G^ões Calmon, neste palacete a n^õs doado pelo governador Antônio Car^los Magalhães, hoje nosso ilustre confrade, e onde ele, Pedro Calmon, nos verdes anos, ao lado de In^cêncio Marques de G^ões Calmon, filho do então dono da casa, e outros adolescentes sonhadores, partici^pou de um arremedo de academia literária, pouco de^que pois dissolvida por uma querela gramatical.

Nesta casa viveu ele horas alegres de rapaz. Ultimamente, já prateados os cabelos, subiu in^úmeras vezes os degraus deste templo. Estamos a vê-lo — como se ainda agora aqui entrasse — no sorriso discreto, no brilho do olhar, no passo comedido, no apuro do traje, a uns a abraçar, a outros a di^rigir a palavra afetuosa, transpondo estes umbrais para nos trazer o ouro de suas lições, o saber de sua cultura, os ensinamentos do mestre consumado, os conselhos do amigo verdadeiro.

Membro correspondente desta academia, há mais de meio século, visto que ao ser fundada tinha ele 15 anos de idade, e aos 19 já se transferia para o Rio, razão por que não foi seu membro titular, prestou todavia a esta casa, como já assinalado, serviços grandes e notáveis, cuja gratidão, de modo pálido post-mortem, lhe demonstra a Academia de Le^tras da Bahia, inaugurando dentre em pouco, ainda no transe da saudade mais dorida, a "Sala Pedro Calmon", mínima homenagem a quem tanto a amou e serviu.

Humanista e pensador, professor e educador, escritor e jornalista, conferencista e orador, jurista e historiador, reitor de universidade, parlamentar, ministro de estado, insigne em todos estes distritos do pensamento e do saber, da palavra e da cultura, do magistério, da política, da administração pública, grande entre os maiores brasileiros, refulgente pelos talentos celebrados, festejado pela cerebração privilegiada, admirado pela oratória excelsa, querido pela fineza do trato e primor do caráter, figura do maior relevo da cultura luso-brasileira contemporânea, Pedro Calmon poderia ter visto, da altura a que chegou, voltando o olhar para as estradas palmilhadas, o rosário de luzes que espalhou na sua caminhada para a glória.

Afonso Arinos, resumindo-lhe o perfil, disse de Pedro Calmon: "Como seu amigo e como testemunha de sua marcha irreprochável para a glória, que lhe coroa os 80 anos, sinto-me habilitado a proclamá-lo um dos grandes da nossa geração", e, ao finar-se o insigne baiano, comovido confessou: "Com Calmon desaparece grande parte da minha própria vida"

Josué Montello, em juízo desdobrado e também judicioso, afirmou: "Grande orador, grande escritor, grande professor, grande historiador, grande acadêmico e grande figura humana, Pedro Calmon é, hoje, e para sempre, um vulto exponencial da cultura brasileira".

Acrescentamos nós: junto dele, touos éramos a planície, ele a montanha. Mas, como dizia o padre Manuel Bernardes, "nada derroga na grandeza dos príncipes honrar aos menores". E ele, príncipe da palavra e da cultura, príncipe da generosidade, nos afetos e nas maneiras, a todos procurava nivelar-

se, no afago da amizade, na gentileza da sua convivência, que era um prêmio.

Pio V, pontífice romano, declarou, com transparente humildade: "Enquanto eu era Religioso, tinha boas esperanças de minha salvação; subindo a cardeal, comecei a temer muito; agora já pontífice, quase que vivo desesperado".

Pedro Calmon, pelo contrário, pontífice das letras, da palavra, da história e da cultura, já mais perdeu a serenidade com que — *aequo animo* — suportou o peso do seu merecimento.

Ele amou a Família, a Pátria, a Cultura e a Beleza, que tanto se manifesta no verso dos grandes poetas como na voz dos cantores de eleição, nos acordes de Beethoven como nos quadros de Rafael, na prece dos crentes como no sorriso da crianca, mas que transparece soberana no terso estilo dos escritores de lei e na eloquência dos grandes oradores, dentre os quais avulta a figura olímpica desse gigante, cuja palavra radiosa, nos rasgos inexcitáveis do talento, fez de sua vida uma obra de Arte e de Beleza.

E só a morte, com o seu poder indiscriminado e inapelável, faria calar a voz desse campeão, desse lutador intemorato e intemerato, desse cavaleiro maior das grandes cruzadas. Dando-lhe, porém, o aviso da sua próxima chegada, fez com que, dias antes do seu passamento, fossem a pouco e pouco se apagando, naquele espírito cintilante, as luzes que o fizeram um Sol, cujos siderantes raios por 50 anos iluminaram a Pátria Brasileira.

Afinal, a 17 de junho de 1985, no Rio de Janeiro, num triste fim de tarde, desaparecia esse

vulto grandioso, esse varão ilustre, esse cidadão de espírito ateniense e fibra espartana, que tanto amou a liberdade, tanto serviu à cultura, tanto honrou o Brasil, tanto o elevou no estrangeiro.

A consternação foi geral. Todos sentiram a imensidão ao golpe, o grande vazio que se fez. E Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras, ao dar-lhe o adeus diante do seu esquife, numa oração sentida e primorosa, fez-lhe justiça inteira ao dizer que Pedro Calmon foi "um dos grandes homens do mundo contemporâneo".

Sim, senhores, de tal medida foi o seu mérito, de tal porte a sua cerebração, de tal vulto a sua obra, que ele, em qualquer universidade, em qualquer governo, em qualquer parlamento, em qualquer tribuna de qualquer país do mundo, seria figura das mais fulgentes e maiores.

"Para o grande homem de verdade — di-lo João Mangabeira — a morte é a condição da glória, da lenda, do mito e da ressurreição. Este é o privilégio dos imortais — o privilégio perpétuo da presença".

Ao cabo desta Oração da Saudade, dedicada a esse iluminado, a esse raro exemplar humano, de vida tão nobre e edificante, nada melhor nos acudiria a lembrança, senhores, para definir a grandeza desse homem extraordinário, do que os versos do aêdo da sua predileção de biógrafo, porque, sem dúvida, Pedro Calmon, no curso de sua vida triunfal e até a hora última do trespassse, "se resvalou — foi no chão da História... se tropeçou — foi na eternidade... se naufragou — foi no mar da glória" — glória que é o Sol dos mortos, glória que o torna verdadeiramente imortal.

1985 ANO
NACIONAL
DA CULTURA